

Educação & Ciência

Gravidez fora de hora

Pesquisa revela que 37,5% das jovens grávidas não chegaram a completar o ensino fundamental e apenas 17% conseguiram terminar o ensino médio

A gravidez vem acompanhada de várias responsabilidades. Dentre elas, abrir mão de algumas oportunidades profissionais para se dedicar a maternidade. Se para mulheres maduras, formadas, com a situação financeira estável, ter um filho pode ser uma tarefa difícil, imaginemos para jovens na idade escolar no qual os desafios são bem maiores. De acordo com um estudo realizado por uma equipe de profissionais de saúde do Ambulatório de Crescimento e Desenvolvimento do Hospital Universitário de Brasília (HUB), 67,5% das mães adolescentes disseram não ter nenhum propósito de vida, como estudos, carreira ou casamento.

A pesquisa também revela que 100% dessas jovens conheciam pelo menos um método contraceptivo. Porém, muitas delas manifestaram o desejo de ficar grávida. “Para muitas, o projeto de vida é engravidar. Quando você pergunta se elas desejam essa gravidez, grande parte diz que não precisava ser naquele momento, mas que sim, que queria”, explica a professora de medicina da UnB e integrante da pesquisa, Marilúcia Picanço. A médica acrescenta que apesar deste problema afetar todas as camadas sociais, é mais predominante nas famílias de baixa renda. “Os pais dessas garotas já se sacrificam, no dia-a-dia, nas dificuldades, com uma vida de baixa renda. E para piorar, agora devem assumir os filhos dessas meninas, nessas circunstâncias dificulta para elas regressarem ao mercado de trabalho, sem que possam ajudar na renda familiar”.

Segundo a pesquisa, cerca de 37,5% das adolescentes acompanhadas pelo HUB não chegaram a completar o ensino fundamental e apenas 17% terminaram o ensino médio. Ao comparar os números em relação as mulheres que ficam grávidas já na fase adulta, a situação é bastante diferente.; Ou seja, 66% possuem diplomas de ensino médio e apenas 18,3% não concluíram o ensino fundamental.

A fim de instruir os jovens, algumas escolas orientam seus alunos buscando que eles se previnam sobre o problema. “É papel da escola desenvolver um trabalho de educação e orientação sexual aos alunos, com objetivo de preveni-los. A gravidez na adolescência é um fator que cresce cada dia mais.

Se percebe que não é por falta de conhecimento ou falta de acesso a métodos contraceptivos. A adolescência é uma fase transitória, de descobertas e experimentação. O problema é que alguns jovens não conseguem enxergar as conseqüências de uma gravidez, os perigos e principalmente das perdas futuras”, explica a especialista em educação e orientação sexual e orientadora educacional do colégio Ciman, Neila Paim.

“Neste período, os jovens não têm projeto de vida, mas já possuem perspectivas para sua vida. E em função de uma gravidez precoce, este projeto tem que ser totalmente mudado. A orientação é importante não só para alertar sobre a gravidez precoce, mas também doenças sexualmente transmissíveis. É típico da juventude achar que este tipo de problema não irá atingi-los e isso os torna mais vulneráveis”, acrescenta Neila.

Em 2006, o Ministério da Educação lançou o termo de referência “Educação e Gravidez na Adolescência”. O objetivo era estimular ações e projetos que insiram a temática da educação sexual, direitos sexuais e reprodutivos, saúde sexual e reprodutiva, com foco na gravidez na adolescência nos contextos escolares. O principal desafio da política nacional brasileira sobre o tema é desenvolver mecanismos que evitem a evasão escolar por conta da maternidade ou paternidade. “Queremos mostrar aos jovens que há outra alternativa na vida, sem passar pela gravidez”, explica a coordenadora geral de direitos humanos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) Rosilea Wille.

Em junho deste ano o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, anunciou a produção das primeiras 400 máquinas de preservativos a serem instaladas nas escolas públicas participantes do programa Saúde e

Prevenção nas Escolas (SPE). A princípio, o anúncio da instalação das máquinas gerou muita polêmica. Alguns pais afirmavam que a medida iria influenciar os alunos a praticarem relação sexual.

“Ao disponibilizar essas máquinas, o objetivo não é influenciar que o jovem tenha uma relação sexual. E sim, orientá-lo por meio de um projeto pedagógico a se conscientizar da importância de haver responsabilidade, para evitar não só a gravidez mas também, o contato com doenças sexualmente transmissíveis (DST), conclui a coordenadora.

Com a colaboração da estagiária Camila Denes